



FOLHA PROLER

Folha Proler é uma publicação do Programa Nacional de Incentivo à Leitura

EDITORIAL

As três matérias reunidas nesta edição da Folha Proler partilham um tema em comum. Trata-se, com efeito, de projetos de incentivo à leitura diferentes entre si, cada qual definido por uma abrangência determinada e voltado para um público mais ou menos específico; contudo, afora essas singularidades, todos eles parecem inspirar suas ações num mesmo princípio: o de que os livros, antes de serem mercadorias de uso particular, adquiridos para fruição pessoal, são (ou pelo menos deveriam ser) bens coletivos.

O caráter peculiar dessa condição sobressai da própria forma do produto “livro”, cuja natureza é de tal maneira especial que, para nos apropriarmos dele, não nos basta, simplesmente, comprá-lo. Um livro fechado pode ser muitas coisas: um peso de papel, um calço de mesa, alimento para as chamas ou festim para as traças. Não é, entretanto, um livro até que seja lido, ou até que nos deixemos ler por ele. Um livro não nos pertence até que nos resolvamos a lê-lo; é pela leitura, e não pela sua posse, que nos apropriamos de um livro.

Por conta disso é que o PROLER batalha com tanto afínco para organizar bibliotecas agradáveis, bem estruturadas e verdadeiramente acolhedoras, guarnecidas de acervos atraentes, seletos e renovados. Por ser um espaço de liberdade por excelência, onde não há limites para tudo que podemos descobrir, aprender, desfrutar, a biblioteca é também o espaço ideal de apropriação dos livros. Dos conteúdos dos livros, é claro!

Os projetos que esta edição apresenta realizam com êxito essa idéia. Carro Biblioteca e Leitura para Todos, iniciativas empreendidas por duas professoras com apoio da UFMG, deslocam as bibliotecas para onde os leitores estão. A biblioteca comunitária Tobias Barreto, fundada na Vila da Penha, Rio de Janeiro, pelo pedreiro Evando dos Santos, realiza empréstimos de livros sem definir prazos de devolução nem cominar multas por atraso, funcionando, na prática, antes como um centro difusor de bens culturais que como um acervo fixo e isolado. O programa Libros al Viento, da prefeitura de Bogotá, Colômbia, espalha, em localidades urbanas de grande circulação, estantes abertas, contendo edições de obras clássicas e textos contemporâneas, produzidas a baixo custo e livremente oferecidas aos cidadãos de passagem. A caminho de casa ou do trabalho, a passeio ou às pressas, as pessoas podem apanhar um livro e levá-lo consigo para ler em qualquer parte, apenas sob o compromisso, não vigiado, de deixar o título escolhido em algum outro lugar público, onde outro leitor possa encontrá-lo.

O papel principal do PROLER e de seus comitês é precisamente o de mobilizar a sociedade em favor da implantação de políticas de leitura. Que essas matérias sirvam de inspiração e que, por parte de todos nós, haja muita transpiração para levar essa missão adiante.

Eliane Pszczol

Coordenadora Nacional do PROLER

Carro Biblioteca e Leitura para Todos. Levar o livro aonde o leitor está: este é o princípio comum destes dois bem-sucedidos projetos de incentivo à leitura apoiados pela UFMG.

Dois projetos da Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG são exemplos de cidadania. Preocupados com a disseminação do livro e da leitura, os projetos Carro Biblioteca e Leitura para Todos aproximam mediadores e público com o objetivo de produzir melhorias nos índices de leitura e de fazer da leitura uma atividade freqüente no cotidiano dos brasileiros. O primeiro projeto é antigo na faculdade. Coordenado pela bibliotecária e doutora em Ciência da Informação Ana Maria Rezende, o Carro Biblioteca conta com participação de estagiários de Biblioteconomia e de outras habilitações afins. Os estudantes circulam pelos bairros carentes da região a bordo de um carro especialmente adaptado para abrigar uma biblioteca. Em atividade há mais de 30 anos, o projeto, que na época de sua inauguração contava apenas com uma Kombi doada pelo Instituto Nacional do Livro (INL), está hoje em vias de se tornar um espaço multimídia itinerante.

Já o projeto Leitura para Todos é uma iniciativa do programa A Tela e O Texto, dirigido pela professora e doutora em Teoria Literária Maria Antonieta Pereira, que, junto a graduandos da FALE (Escola de Letras da UFMG), põe à disposição dos passageiros das linhas de transporte público, na capital mineira e nas cidades vizinhas, uma coleção de textos literários destinada a atender ao desejo de inclusão cultural das camadas populares.

Ambos os projetos caracterizam-se pela constante preocupação de difundir o interesse pela leitura e pela escrita, sem necessariamente restringir as suas atividades às práticas tradicionais. O que chama a atenção neles é justamente o seu caráter informal, que promove não apenas uma aproximação cordial com o público, como também abre caminho para uma interação mais humana entre o cidadão comum e o universo da literatura.

Tanto o Carro Biblioteca quanto o Leitura para Todos foram concebidos a partir da percepção das inúmeras carências culturais das camadas populares. Segundo Ana Maria Rezende, o surgimento do Carro Biblioteca atendeu ao objetivo de suprir a ausência de bibliotecas na periferia

de Belo Horizonte. Para a professora, as grandes bibliotecas dos centros urbanos, situadas em locais pouco acessíveis a quem não dispõe de recursos para se locomover, acabam por inibir, com suas fachadas imponentes, a visitação da população de baixa renda.

Assim como Ana, a professora Maria Antonieta aponta que sua principal motivação para a elaboração do projeto Leitura para Todos foi a permanência do problema do analfabetismo no Brasil. A fim de alcançar um público

“Depois da televisão, o ônibus é a principal mídia do mundo contemporâneo.”

Maria Antonieta

mais amplo e diversificado, não necessariamente nas escolas, o Leitura para Todos recorreu à BHTRANS (órgão municipal que administra o trânsito em Belo Horizonte) com objetivo de financiar o projeto e divulgar os textos nos coletivos da cidade. Maria Antonieta justifica a escolha com o seguinte argumento: “Depois da televisão, o ônibus é a principal mídia do mundo contemporâneo. Nele circulam milhares de pessoas todos os dias”. Por esse motivo, ela afirma que um projeto como o Leitura para Todos é talvez mais eficiente na divulgação da leitura que o próprio sistema escolar. Ana Rezende, por sua vez, reforça essa idéia quando revela a razão principal do sucesso do Carro Biblioteca: “Ele vai atrás do leitor e não requer o seu deslocamento dos bairros”.

Esse caráter democratizante apontado por Maria Antonieta evidencia-se não só na diversidade do público alcançado pelas ações como também na variedade dos textos selecionados, que vão desde os clássicos de Machado de Assis e Gonçalves Dias até as obras dos contemporâneos Moacyr Scliar e Arnaldo Antunes. Outro aspecto importante, ressaltado por Maria Antonieta, é que “os usuários podem enviar poemas, contos e crônicas de sua autoria para seleção e publicação nas lâminas. Eles jamais teriam publicado sua produção para o público sem o Leitura para Todos”.

Os dois projetos resultam de estratégias eficazes, adotadas para combater as deficiências de alfabetização e letramento. No entanto, é comum a tendência pedagógica que limita toda a versatilidade da leitura à mera decodificação de frases simples. Quanto ao analfabetismo funcional e à

formação do leitor-crítico, as professoras assumem posições coincidentes. Para Antonieta, o analfabetismo é superado quando o leitor se torna capaz de articular suas experiências de vida à escrita; assim, ele se torna apto para ler o mundo. “A garantia de que esse processo será bem-sucedido só pode ser dada por um professor que seja também leitor. Há milhares de professores que não lêem senão o estritamente necessário para cumprir as obrigações da profissão, alegando falta de tempo, mas sabemos o quanto o tempo e sua falta encobrem outros aspectos da subjetividade e dos hábitos culturais. Talvez devêssemos ensinar nossos alunos a ler como se estivessem decodificando um manual de sobrevivência em tempos difíceis. Ensiná-los a ler para viver, para só-viver, para sobreviver. Isso seria formar leitores”, diz Maria Antonieta.

Ana Rezende, por sua vez, identifica as dificuldades de consolidação de projetos como o Carro Biblioteca com o impacto resultante da confrontação de seus agentes diante da realidade das comunidades carentes. Ainda que o Carro Biblioteca esteja em atividade há três décadas, o projeto não fez surgir novos espaços de leitura efetivamente organizados pelos próprios moradores. Sobre tal questão, Ana Rezende assinala que “embora tenha ganhado recentemente bastante difusão na mídia com campanhas estatais e iniciativas populares, a leitura acaba ficando em segundo plano diante de tantas outras carências. É difícil para uma comunidade empenhar todo um esforço conjunto com objetivo de abrir espaço para a criação de uma biblioteca comunitária, assim como é igualmente difícil apresentar-se uma pessoa voluntária do próprio bairro que a faça funcionar regularmente”.

Para 2007, o Carro Biblioteca e o Leitura para Todos devem contar com o auxílio de ações das políticas públicas, cuja participação tende a se intensificar, e com as parcerias estabelecidas com a grande imprensa e com a divisão de divulgação interna da própria UFMG. De acordo com Ana Rezende, o Carro Biblioteca vem sendo beneficiado com verbas da UFMG especialmente reservadas para manutenção mecânica e de limpeza e para o pagamento de motorista. No caso do Carro Biblioteca, a urgência de uma intervenção pública mais eficaz se agrava quando o assunto é renovação do acervo: “Não existe uma verba anual destinada pela universidade à compra de materiais bibliográficos e

audiovisuais e, desse modo, temos sobrevivido à base de doações. No próximo ano, devido à inserção do processo de inclusão digital no projeto, o reitor prometeu uma verba de R\$50.000,00 para novas aquisições”.

As parcerias constituídas pelo Leitura para Todos também são referenciais na execução de políticas públicas efetivas. A BHTRANS e a Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte prestaram auxílio valioso para sua expansão. O projeto já foi levado para em Contagem/MG e para Recife, passando por Diamantina durante o Festival de Inverno da UFMG. Maria Antonieta afirma já ter recebido notícias de pessoas que têm interesse em implantar projetos equivalentes em Vitória/ES. Mesmo com todo este êxito, a professora alerta para a necessidade de investimentos: “Precisamos do apoio de empresários que queiram investir no projeto via Lei de Incentivo. Sem parcerias, dificilmente sobreviverá essa experiência de leitura e edição coletivas numa biblioteca pública e ambulante. Esperemos, contudo, que não seja esse nosso futuro”.

Para evitar que projetos socioculturais como estes caíam no esquecimento, o Carro Biblioteca prepara algumas novidades. Os organizadores esperam ampliar sua estrutura

para fazer do Carro um ambiente que não apenas mantenha o espaço de leitura, mas passe a comportar ainda um centro de multimídia, aparelhado com internet, dvd, tela de projeção e outras tecnologias.

Ana Rezende

Perguntada sobre o “risco” de o público deixar de lado os livros e se voltar para formas de entretenimento mais simples e imediatas, Ana Rezende é cuidadosa. “De fato os atrativos oferecidos pelas novas mídias concorrem com os livros pelo interesse do público composto de crianças, jovens e adultos de classes populares. Todavia, nossa concepção do projeto de inclusão digital prevê que o foco de atuação seja sempre a formação de leitores, agora habilitados para utilizar as novas tecnologias em seu benefício pessoal e em seu aperfeiçoamento profissional. Esperamos que a Internet se torne uma fonte de informação a mais para os usuários, e não substitua as já existentes. Nosso objetivo é instruir as pessoas no uso de fontes eletrônicas de informação para ajudá-las a adquirir competência informacional em suas buscas. Isto significa saber distinguir a informação de que se precisa, onde se pode obtê-la e como se pode usá-la”.

Evando dos Santos, o homem-livro. Pedreiro sergipano, radicado no bairro de Vila da Penha, no Rio de Janeiro, transforma a paixão por livros em ação pela leitura à frente da Biblioteca Comunitária Tobias Barreto.

Repetindo uma história que é de muitos, o pedreiro Evando dos Santos emigrou para o Rio de Janeiro, aos 15 anos de idade. Era analfabeto. Durante a infância, vivida em Aquidabã, Sergipe, todo o seu contato com a literatura se resumia a ouvir os cordelistas na feira semanal da cidadezinha. A musicalidade das estrofes ritmadas do cordel encantava o menino de 8 anos que não sabia ler.

Foi apenas aos 17 ou 18 anos que Evando começou, praticamente sozinho, a fazer suas primeiras leituras. Ele lembra com humor e ternura a época em que, ainda semi-analfabeto, freqüentando os cultos da Igreja Batista em Vista Alegre, andava por todo lado com uma Bíblia “indecifrável” embaixo do braço. Foi o pastor da escola dominical que, ao notar a sua dificuldade, aconselhou-o a aprender a ler definitivamente. Com paciência e esforço, Evando iniciou suas tentativas pelos salmos, cujo estilo simples e poético poderia, segundo o pastor, facilitar-lhe a tarefa. A partir daí o ex-analfabeto apaixonou-se pela leitura e se transformou num obstinado autodidata.

Aos 19 anos, já trabalhando como pedreiro na TV Manchete, Evando tomou contato com as revistas da editora Bloch, com a produção gráfica e literária em geral, e essa experiência suscitou-lhe as primeiras noções da grandeza de todo um mundo exterior, de uma vida cultural, política e social de amplas dimensões. Mas a sua primeira e maior descoberta literária realizou-se, ainda por essa época, durante o intervalo de almoço em uma obra na Vila do João. Outro pedreiro, Aderbal Pereira Santos, apresentou-lhe o autor sergipano Tobias Barreto. Evando conta que a obra de Tobias Barreto, poeta, jurista e germanista, produziu grande impacto não só sobre sua paixão pela literatura, mas também sobre seu modo de compreender a importância da cultura e da educação para a formação política de um povo.

Evando considera Tobias Barreto o grande divulgador da leitura no séc. XIX; segundo ele, sua militância é comparável à de Monteiro Lobato, no séc. XX. A admiração pela obra e pela atividade de Tobias, acrescentada ainda do sentimento de identificação com um escritor conterrâneo, inspirou Evando a homenageá-lo com uma ação que é, ao mesmo tempo, o testemunho desse reconhecimento. Assim, há oito anos,

contra todas as adversidades, o pedreiro fundou, em sua casa na Vila da Penha, a Biblioteca Comunitária Tobias Barreto de Meneses, que a Folha PROLER foi conhecer de perto.

Contando atualmente com 42 mil títulos, a Biblioteca Tobias Barreto recebe, em período letivo, cerca de 30 ou 40 crianças diariamente, além de outros leitores de todas as idades. Ao contrário de boa parte das bibliotecas públicas, que funcionam antes como acervos fixos que como centros difusores de bens culturais, a biblioteca comunitária fundada por Evando autoriza o empréstimo das obras que contém, mas com diferenças significativas: não há ficha de inscrição, não há prazo definido de devolução dos livros nem, por consequência, qualquer multa estipulada para as entregas atrasadas. O usuário entra na biblioteca, anda entre as pilhas de livros, escolhe um, ou dois, ou três, anota seu nome no caderno de freqüência, e sai com a obra de sua preferência. O conjunto de títulos da biblioteca foi formado, segundo Evando, a partir de doações, razão por que ele não se considera proprietário dos livros. Um livro é um dom, um bem coletivo; por isso, se o usuário gostar tanto de uma obra a ponto de não a restituir à coleção, é sinal de que o objetivo da iniciativa de Evando foi cumprido: alguém, de fato, se encontrou com um livro.

O acervo organiza-se do seguinte modo: os livros são dispostos em pilhas de acordo com os assuntos de que tratam, e cada pilha tem um patrono, em regra não vinculado à área, justamente para despertar no leitor o interesse de entender de que modo se realiza a interconexão dos temas e ciências. O patrono do setor de Geografia, por exemplo, é o historiador Manoel Bonfim; o de História Geral é o escritor e crítico literário Silvio Romero; o de História do Brasil, o poeta e jurista Tobias Barreto.

Evando, como é de se esperar, aprecia conversar sobre literatura e discute com desenvoltura e convicção os livros que lê. Fala da emoção que lhe trouxe a descoberta das obras de Castro Alves, Machado de Assis, Pablo Neruda, Gabriela Mistral, Lima Barreto, Graça Aranha e outros. Exprime sua admiração por Manoel Bonfim, autor de *América Latina: males de origem*, obra que defende a tese, audaciosa para a época (início do séc. XX), de que o homem negro é tão capaz quanto o branco. A ousadia de Bonfim, mercê da qual Darcy Ribeiro o considerava o maior

antropólogo social do continente, pôs em evidência o problema da discriminação racial no Brasil; para Evando, essa questão, assaz discutida mas raramente levada a termo nas suas conseqüências, escamoteia o fato de que boa parte da cultura brasileira, não só nas suas manifestações populares como ainda na sua expressão erudita, é calcada na contribuição negra. Ele cita, a propósito, os nomes de Cruz e Souza, José do Patrocínio e Machado de Assis. Ao falar neste último, comenta, de passagem, a potente atualidade do conto “O alienista”, narrativa que aborda a opressão exercida sobre modos divergentes de ser e de pensar pela ideologia dominante da época, o cientificismo; não é exagero notar que hoje prepondera entre nós uma forma de poder bastante similar, ilustrada pela sobrevalorização da figura onipresente do especialista, cujo discurso se reveste com força de verdade, goza de direito exclusivo de expressão e se converte em norma de pensamento e conduta. Como Machado, Tobias Barreto era mulato; mas, diferentemente daquele, não chegou a formar escola: isolado no menor estado da federação, apesar de ter sido mestre de muitos mestres brasileiros, como Castro Alves e Graça Aranha, Tobias não obteve, segundo Evando, mesmo nos nossos dias, o reconhecimento que lhe é devido. Dar seu nome a uma biblioteca é, mais que uma homenagem, uma tentativa de advertir o público da importância da sua obra.

A Biblioteca Comunitária Tobias Barreto está de mudança: continua na Vila da Penha, mas vai instalar-se na nova sede, projetada por Oscar Niemeyer e construída com recursos do BNDES. A sala de leitura, com capacidade para 10 mil volumes, ocupará o primeiro andar; no segundo pavimento, funcionará uma faculdade comunitária, que oferecerá cursos gratuitos de alemão, espanhol, francês, inglês, latim, tupi-guarani e quimbundo, a língua falada pelos escravos angolanos transportados para o Brasil. Para Evando, as bibliotecas comunitárias são o mais eficiente mecanismo de difusão dos bens culturais: a que ele fundou, além de realizar essa função num bairro desprovido de bibliotecas e de livrarias, cumpre em todo seu significado o compromisso de despertar nas pessoas o amor pela leitura. “A literatura”, diz ele, “não pode ficar guardada nas estantes, mas precisa ser jogada para o povo; os livros devem ser atirados às mãos das pessoas, nas ruas, praças, em todos os lugares. O leitor deve ter uma relação física com o livro, deve poder tocá-lo e olhá-lo como num casamento; sem isso, não há interesse, não há paixão”.

Informações & Novidades

Conselho Consultivo do PROLER prepara a agenda de comemoração do aniversário dos 15 anos do Programa.

Na última reunião do Conselho Consultivo do PROLER, em 9 de janeiro de 2007, ficou deliberado que, para celebrar os 15 anos do Programa, seriam realizados várias atos comemorativos ao longo de um ano, de 13 de maio de 2007 a 13 de maio de 2008. A princípio, essas atividades teriam início no dia 14 de maio de 2007, com uma cerimônia solene, onde seriam anunciados:

- o edital do Prêmio FBN/PROLER (cujos critérios ainda estão por definir), a ser entregue em maio de 2008;
- a produção de um livro que documentará a história do Programa;
- a divulgação do “Manifesto pela Leitura”, que deverá ter uma circulação tão ampla quanto possível, e a longo prazo; e
- a abertura de uma exposição comemorativa.

Paralelamente a essas indicações, articuladas de maneira mais sistemática, foram aventadas outras idéias com relação aos eventos que deveriam marcar o aniversário do PROLER. Sugeriu-se que o Programa estimulasse a escrita e a troca de cartas sobre experiências de leitura, e que o rádio e os *blogs* de Internet fossem mais amplamente utilizados como meios de divulgação. Propôs-se ainda o lançamento de uma Agenda da Leitura Brasileira, elaborada a partir do modelo da Agenda da Literatura Brasileira, editada pela FBN há cerca de oito anos.

Serão muito bem-vindas novas sugestões por parte dos Comitês. Também seria essencial receber depoimentos, fotos, materiais diversos, que possam alicerçar a história dos êxitos e, por que não?, dos percalços desses 15 anos, a ser contada no livro comemorativo.

Compõem o Conselho Consultivo do PROLER: Eliane Pszczol (Coordenadora Nacional do PROLER); Jane Paiva (UERJ); Kátia Carvalho (UFBA); Ilce Cavalcanti (FBN); Ira Maciel (UERJ); Célia Portella (FBN); Marisa Lajolo (Mackenzie); Elisabeth Serra (FNLIJ); Nilma Lacerda (UFRJ); Emir Suaiden (Unb).

Convite à Leitura, com Ana Maria Machado

No dia 28 de fevereiro a Casa da Leitura recebeu Ana Maria Machado no seu auditório, para o lançamento do projeto Convite à Leitura. Autora de romances e de ensaios, nome consagrado de literatura infanto-juvenil, reconhecida internacionalmente com o prêmio Hans Christian Andersen, Ana Maria falou, como escritora, sobre sua experiência como leitora. Afirmou que a idéia de fazer um convite à leitura achava sede perfeita numa Casa da Leitura, e que sua participação no projeto exprimia seu apoio à continuidade do trabalho do Proler. Indagada sobre o papel do escritor como incentivador da leitura, Ana Maria disse que todo escritor, sendo também um leitor, fala dos livros que lê, e assim contagia outros leitores ao partilhar com eles os seus sentimentos e suas impressões acerca das obras de sua predileção. A autora concedeu-nos a lista dos textos citados na palestra, advertindo, porém, que as obras aí mencionadas não traduzem integralmente suas preferências nem representam, no seu conjunto, uma reunião dos livros que ela julgaria os melhores ou mais importantes, embora contenha muitos destes. Sem o intuito de se apresentar como



A escritora Ana Maria Machado na biblioteca da Casa da Leitura

um rol de recomendações, trata-se apenas de uma listagem de inícios de narrativas, apanhadas a esmo na sua estante, como quem folheia a esmo volumes numa livraria. Essa lista, a cujo elenco Ana Maria gostaria de acrescentar escritores como Graciliano Ramos, Faulkner e Virginia Woolf, tem sobretudo a finalidade de mostrar a variedade das vozes que nos chamam para serem lidas e ouvidas.

Albert Camus, *A peste*.
Albert Camus, *O estrangeiro*.
Aluizio de Azevedo, *O cortiço*.
Ana Maria Machado, *Aos quatro ventos*.
Ana Maria Machado, *Palavra de honra*.
Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade*.
Antônio Callado, *Quarup*.
Antônio Torres, *O cachorro e o lobo*.
Antônio Torres, *Pelo fundo da agulha*.
Ariano Suassuna, *O romance da Pedra do Reino*.
Carlos Heitor Cony, *Quase memória*.
Charlotte Brontë, *Jane Eyre*.
Clarice Lispector, *A hora da estrela*.
Dalton Trevisan, *O vampiro de Curitiba*.
Daniel Defoe, *Robinson Crusoe*.
Darcy Ribeiro, *Utopia selvagem*.
David Lodge, *Pense!*
Dino Buzzati, *O deserto dos tártaros*.
Eça de Queirós, *O crime do Padre Amaro*.
Edgard Allan Poe, *Contos de terror, de mistério e de morte*.
Erico Veríssimo, *Saga*.
Ernest Hemingway, *Ilhas na corrente*.
Ernest Hemingway, *Paris é uma festa*.
Franz Kafka, *A metamorfose*.
Franz Kafka, *O processo*.
F. Scott Fitzgerald, *O grande Gatsby*.
Gabriel Garcia Marquez, *Cem anos de solidão*.
Gabriel Garcia Marquez, *O amor dos tempos do cólera*.
Gabriel Garcia Marquez, *Crônica de uma morte anunciada*.
Gore Vidal, *Criação*.
Gunter Grass, *O tambor*.

Henry James, *A morte do leão*.
Herman Melville, *Moby Dick*.
Italo Calvino, *O barão nas árvores*.
J. D. Salinger, *O apanhador no campo de centeio*.
J. M. Coetzee, *Desonra*.
João Guimarães Rosa, *Manuelzão e Miguilim*.
João Ubaldo Ribeiro, *Vila Real*.
John Banville, *O intocável*.
John Fowles, *O Mago*.
Jorge Amado, *Terras do Sem-Fim*.
Josué Montello, *Os tambores de São Luís*.
José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis*.
Juan Rulfo, *Pedro Páramo*.
Karen Blixen, *Contos de Inverno*.
Leon Tolstói, *Anna Karenina*.
Lya Luft, *A asa esquerda do anjo*.
Lya Luft, *Exílio*.
Lygia Fagundes Telles, *A noite escura e mais eu*.
Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.
Machado de Assis, *Quincas Borba*.
Marcel Proust, *Em busca do tempo perdido*.
Margaret Atwood, *Lady Oracle*.
Marguerite Yourcenar, *Memórias de Adriano*.
Mario de Andrade, *Macunaíma*.
Moacyr Scliar, *A mulher que escreveu a bíblia*.
Nélida Piñón, *A república dos sonhos*.
Paul Auster, *A trilogia de Nova Iorque*.
Philip Roth, *A nódoa humana*.
Rubem Ronseca, *Feliz ano novo*.
Vladimir Nabokov, *Lolita*.

Libros al Viento:

Projeto colombiano oferece aos cidadãos nos locais públicos de Bogotá grandes obras literárias produzidas a baixo custo.

Se, como se costuma dizer, a escrita é uma atividade solitária, ainda que não individual, a leitura, por sua vez, é efetivamente uma prática coletiva: mesmo uma pessoa que lê sozinha está sempre a dialogar com outra pessoa, o autor. Foi com o intuito de fazer valer esse estatuto da leitura como forma privilegiada de diálogo que o Instituto de Cultura y Turismo de Bogotá, Colômbia, unido à Secretaria de Educação local, lançou, em março de 2004, o programa Libros al Viento.

O propósito principal do programa é suscitar nos bogotanos, mais que o interesse pela leitura, o prazer de ler. Esse objetivo tem sido realizado graças à iniciativa dos organizadores de acentuar, nas práticas de leitura, o caráter oral que por tanto tempo marcou a fruição coletiva das obras literárias. A criação de espaços de leitura compartilhada, onde se possa ler em voz alta e para outras pessoas, é uma das linhas de ação do programa. Mas, ao mesmo tempo que incentiva essa prática interpessoal de leitura, como forma agradável e eficiente de apresentar quase qualquer texto a leitores de qualquer idade, Libros al Viento valoriza o livro como instrumento privilegiado de construção da subjetividade intelectual e psicológica. Por tal razão, a campanha tem, como princípio fundamental, garantir a todos o livre acesso a textos literários de qualidade.

Assim, o programa oferece aos bogotanos obras de literatura clássica ou contemporânea, textos de gêneros diversos que, além de acompanharem os leitores em suas esperas ociosas ou em seus momentos de solidão, também sirvam de pretexto para reunir-los em torno de temas comuns de discussão.

Mas como isto é feito?

Quem anda pelas estações de ônibus e de metrô, pelas praças e outros locais públicos de Bogotá, encontra, aqui e ali, pequenos repositórios com livros, dispostos à vista de todos, para que os cidadãos comuns que circulam diariamente pela capital possam, livremente, apanhar uma obra qualquer e carregá-la consigo para lê-la quando lhes aprouver e pelo tempo que for necessário. O compromisso

de devolução naturalmente subiste, e é enunciado em termos claros, mas não impositivos, pelo governo local: as pessoas que tomam de empréstimo esses livros por prazo indeterminado devem dispor-se a devolvê-los para algum desses repositórios situados em locais públicos, ou, quando não, deixá-los sobre o banco de uma praça, o assento de um ônibus ou outro lugar onde outra pessoa possa encontrá-los. Decorre daí o nome bastante apropriado dessa campanha: Libros al Viento.

É bem verdade que os percentuais de devolução não são altos, e raramente superam os 10%, mas esta perda, sem dúvida necessária, não tem a rigor grande importância, porque é parte dos objetivos do Programa funcionar como agente distribuidor de bens culturais, bens que em princípio deveriam ser coletivizados. Dir-se-ia, aliás, que o fato de a maioria das pessoas reter consigo os livros é, antes, sinal do êxito da campanha. As edições de bolso, produzidas a baixo custo e com a tiragem média de 70 mil exemplares, trazem obras de autores como Gabriel García Márquez, Edgar Allan Poe e Júlio Cortázar. Em termos financeiros, para um orçamento de Estado, os custos são extremamente baixos em comparação com os extraordinários ganhos culturais e



Convite aos Comitês

Folha Proler anuncia a abertura de um novo endereço eletrônico destinado especialmente a receber sugestões e críticas dos representantes dos Comitês. Pedimos a todos que enviem sua colaboração para o e-mail folhaproler@bn.br, a fim de que possamos estreitar a nossa parceria e transformar este jornal num verdadeiro porta-voz de todos aqueles que trabalham pela causa da leitura no país.

Ilustração de Ziraldo celebra os 15 anos do PROLER

A exemplo de duas outras conhecidas ilustrações, uma feita para representar a criação do PROLER e outra para marcar sua primeira década de existência, o desenho que apresentamos ao lado, especialmente elaborado para celebrar os 15 anos do Programa, foi-nos também gentilmente doado pelo cartunista Ziraldo, a quem só temos a agradecer, sempre. Esperamos que, além de registrar a data comemorativa, essa imagem simbolize o momento de renovação e fortalecimento do PROLER e seja capaz de suscitar em todos nós não só o sentimento de alegria pela meta alcançada, mas também o espírito de luta e dedicação com que essa promissora longevidade tem sido construída dia a dia.

Programação Casa da Leitura



Convite À Leitura, com Ana Maria Machado.

Personalidades da cultura lêem seus autores favoritos para o público. Em fevereiro a convidada é Ana Maria Machado, membro da ABL e autora de literatura infanto-juvenil, romances e ensaios, com mais de cem títulos publicados. Agraciada com o prêmio Hans Christian Andersen. Dia 28 de fevereiro, às 17h. Entrada Franca

MARÇO / 2007 - Cursos
Mensalidade: R\$ 30,00

A ilustração na sala de aula: diversificando o universo da leitura.

Prof. Graça Lima: Bacharel em Comunicação e Mestre em Design. Professora da EBA/UFRJ e ilustradora. Período: dias 02, 09, 16, 23 e 30, às sextas-feiras. Das 14h30 às 16h30.

Partilhando Histórias.

Prof. Benita Prieto: Contadora de histórias do Grupo Morandubetá. Especialista em Literatura Infanto-juvenil e Leitura, Debatedora do Sem Censura/TVE, Dir. do Simpósio Internacional de Contadores de Histórias. Período: dias 05, 12, 19 e 26, às segundas-feiras. Das 9h30 às 12h30.

A Arte da Leitura.

Prof. Suzana Vargas poeta, autora de livros infantis e ensaísta. Especialista em Leitura. Mestre em Teoria Literária. Período: dias 05, 12, 19 e 26, às segundas-feiras. Das 14h30 às 16h30.

RPG no estímulo À Leitura de Livros.

Prof. Luis Ricon Mestre em Educação, Assessor de criação e projetos do núcleo de tv, rádio e cinema da Multirio. Período: dias 07, 14, 21 e 28, às quartas-feiras. Das 9h30 às 11h30.

Literatura Infantil na escola.

Prof. Anna Cláudia Ramos Especialista em leitura. Autora de Literatura Infanto-Juvenil com diversos títulos publicados e ensaísta. Período: dias 08, 15, 22 e 29, às quintas-feiras. Das 14h30 às 16h30.



Ministério da Cultura
Fundação Biblioteca Nacional
Programa Nacional de Incentivo à Leitura
Folha Proler é uma publicação do Programa Nacional de Incentivo à Leitura
Sede do PROLER
Rua Pereira da Silva, 86 Laranjeiras.
Rio de Janeiro RJ / CEP 22.221 140
Tel: (21) 2557 7437 e 2556 6730
E-mail: proler@bn.br
www.bn.br/proler
Presidente da República
Luís Inácio Lula da Silva
Ministro da Cultura
Gilberto Passos Gil Moreira
Fundação Biblioteca Nacional
Presidente: Muniz Sodré
Diretora Executiva: Célia Portella

Equipe PROLER

Anna Regina Condeixa, Alexandre Arbex, Clemildo Rangel, Eliane Pszczol, Elizabeth Pontes Menezes, Francisco Orban, Gilda Xavier Fernandes, Giselda Brasil Aronovich, Maria Lopes de Freitas, Michele Leandro, Maria Luíza Oshea Wheeler, Rita de Cássia N. Miranda, Rosana Valente Soutinho, Rosane Clemente Ribeiro, Suzana Vargas e Tatiane Cova

Edição: Eliane Pszczol Coordenadora Nacional
Jornalista responsável: Francisco Orban Reg. 18.188
Redação e Diagramação: Alexandre Arbex e Tatiane Cova